

Gramática na Teoria Gerativa

# Verbos leves no português brasileiro: uma nova proposta

*Isabella Lopes Pederneira*

**RESUMO:** Meu objetivo é analisar sentenças com polissemia verbal no português brasileiro no que concerne aos seus comportamentos sintáticos. Veremos que o mecanismo sintático, com os nós funcionais, pode capturar comportamentos sintáticos que fazem surgir seus significados. A razão por que podemos afirmar que a configuração sintática é responsável por diferentes significados é em grande parte devido ao fato de que o verbo precisa estar, em geral, em um complexo com um complemento ou modificador na construção de um evento.

**PALAVRAS CHAVE:** verbos leves, interface sintaxe-semântica, teoria Exo-esquelética, polissemia, significado estrutural.

**ABSTRACT:** My aim is to analyze argument structure in Brazilian Portuguese concerning to their syntactic behavior. I will focus my work in sentences with light verbs polysemy and restrict their differences to the syntactic configurations that potentially can give rise to its meaning. The syntax mechanism, with functional nodes can capture some different syntactic behaviors that give rise to its meaning. The reason we can claim that the syntactic configuration is responsible for different semantics is in part because the verb must be in a complex with a complement or modifier in an Event construction.

**KEYWORDS:** light verbs, syntax-semantics interface, Exo-skeletal theory, polysemy, structural meaning.

## Introdução

Este é um estudo na interface sintaxe-semântica. Meu objetivo é analisar sentenças com polissemia verbal no português brasileiro no que concerne aos seus comportamentos sintáticos. O foco principal do trabalho é polissemia em verbos leves, e a meta é conseguir restringir as diferenças semânticas básicas às suas configurações sintáticas que, potencialmente, podem fazer surgir seus significados.

Há alguns estudos formais que tentam classificar e conceituar a categoria dos verbos leves. Algumas importantes referências no assunto são Grimshaw e Mester (1988) e Butt (2010). Surgem importantes contribuições para o campo de estudos formais a partir desses trabalhos, embora alguns problemas possam ser apontados. Duas das importantes características dos verbos leves, segundo esses autores, são:

- (a) Não têm semântica plena (ainda que possamos identificar uma correlação mínima com o correspondente pleno);
- (b) Precisam estar em um complexo V-N (ou V-Adj) e agem como um verbalizador.

Butt (*idem*) ainda complementa afirmando que os verbos leves respeitam as configurações sintáticas dos correspondentes plenos. Isso quer dizer que o verbo projeta os argumentos sintáticos independentemente da categoria do verbo. Se o verbo pleno projeta dois argumentos sintáticos sobre os quais precisa descarregar os papéis teta, logo, se este mesmo verbo possui uma versão leve, precisará necessariamente ter dois argumentos. Esta hipótese pode ser refutada prontamente, já que, por exemplo, o verbo *correr* tem uma versão plena intransitiva (A tartaruga correu), configuração esta que não pode ocorrer com os verbos leves, porque estes precisam estar em um complexo com um complemento ou modificador, conforme identificado pela autora. Diante disso, o que fazemos com sentenças no português brasileiro como “os alunos correram um abaixo-assinado” ou “o cachorro correu o gato”? Como podemos observar, existe uma configuração sintática diferente. Em “a tartaruga correu”, temos somente um argumento sintático, enquanto que em “os alunos correram um abaixo-assinado” e

“o cachorro correu o gato” há dois argumentos em cada sentença, um externo e um interno.

Diante disso, este trabalho pretende refinar esta classificação para verbos leves proveniente da tradição de teorias projecionistas, no entanto partindo de referências teóricas construcionistas. Para isso, apontaremos problemas nas características destacadas. Para (a), mostrarei que possuir ou não uma semântica plena não diz respeito a uma potencialidade inerente à raiz ou mesmo ao complexo raiz e verbalizador, mas diz respeito, contudo, a potencialidades configuracionais. Concordamos que falte conteúdo semântico ao verbo leve, mas não todo o conteúdo semântico. Conseguimos compreender a diferença entre “tomar banho” e “tomar ônibus”, porém isso não faz parte de uma potencialidade da raiz, mas do evento sintático. Para (b), mostrarei sentenças no português brasileiro que contrariam a ideia de que verbos leves sejam restritos ao complexo V-N ou V-Adj, já que existem exemplos desses verbos em diferentes esquemas configuracionais. Defenderemos, todavia, que estes verbos precisam estar em um complexo V-complemento ou V-modificador e que estes complementos e adjuntos têm papel fundamental na construção do significado completo da sentença. Além disso, veremos configurações de eventos estativos com o provimento de uma relação de pequena oração. Uma característica que une as nossas observações refere-se ao fato de que precisam estar inseridos em uma estrutura de evento. Este evento é o que, essencialmente, assegurará o significado total básico. Outros feixes, tais como os que selecionarão tanto o complemento/modificador quanto o sujeito, também serão associados para fazer surgir o significado da estrutura. Além disso, no momento da inserção da raiz, esta agrega ainda mais significados após a estrutura pronta. Nos verbos leves, ela agregará menos conteúdo e, por isso, a estrutura de evento precisa fornecer pistas concisas de significado.

Trabalhos em teorias construcionistas têm se dividido, grosso modo, entre aqueles que advogam em favor da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997) e seus descendentes ou aqueles que defendem o modelo Exo-esqueletal (BORER, 2005b). Este trabalho está baseado no modelo de gramática Exo-esqueletal, cuja principal contribuição diz respeito ao fato de que não há qualquer conteúdo semântico proveniente da raiz nas fases sintáticas e que, portanto, significados básicos precisam ser correspondidos por algum item sintático.

A seguir, cito exemplos de versões leves do verbo *pegar*, para que a formulação do nosso problema de pesquisa fique mais clara:

1. Maria *pegou* uma gripe.
2. Maria *pegou* aquele rapaz.
3. Você precisa *pegar* a terceira rua à esquerda.
4. Meu pai me *pega* na escola até hoje.

Conforme podemos notar, todas as sentenças acima contêm o verbo *pegar*, mas cada uma delas com um significado diferente para ele (1. contrair, 2. “namorar”, 3. atingir, 4. transportar de volta). Diante disso, a partir da premissa de que verbos leves são vazios de semântica plena, como diferenciar os sentidos das frases acima? Como analisar formalmente os dados? E qual a teoria que possui mais ferramentas para distinguir sintaxe e semântica, de modo que a semântica seja apenas uma leitura dos comandos sintáticos? Mostraremos, neste trabalho, a análise de dois verbos em português brasileiro: *tomar* e *pegar*.

### 1. A abordagem teórica: O modelo Exo-esqueletal

O modelo Exo-esqueletal é uma abordagem construcionista que tem importantes predições, como o fato de que não existe semântica de raiz. Além disso, a predição se estende ao fato de que não existe qualquer conteúdo lexical em nenhuma fase sintática ou nó estrutural. Existem funtores sintáticos (que podem ser do nível lexical, como os sufixos; ou funtores do nível da sentença, como os AspQ, T ou F<sup>shl</sup> entre outros) e funtores semânticos, responsáveis pelos significados estruturais como, por exemplo, a semântica (regular) de um sufixo; toda interface conceitual é feita na fonologia, onde a inserção vocabular ocorre – no *spell-out*. No caso das raízes, é nesta fase que ela é inserida, encaixando seu significado conceitual. Os funtores sintáticos da teoria Exo-esqueletal podem ser pareados aos itens abstratos da lista um na Morfologia Distribuída, enquanto que os funtores semânticos (s-functors) são itens que entram na fase derivacional da semântica.

Em relação à estrutura argumental, Borer (2005b) defende que existem alternâncias estruturais (AspQ – Aspect Quantifier – ou F<sup>shl</sup> – Functor shell) que fazem referência ao papel aspectual relevante. Isto difere fortemente da Morfologia Distribuída, já que as versões que seguem este modelo não defendem

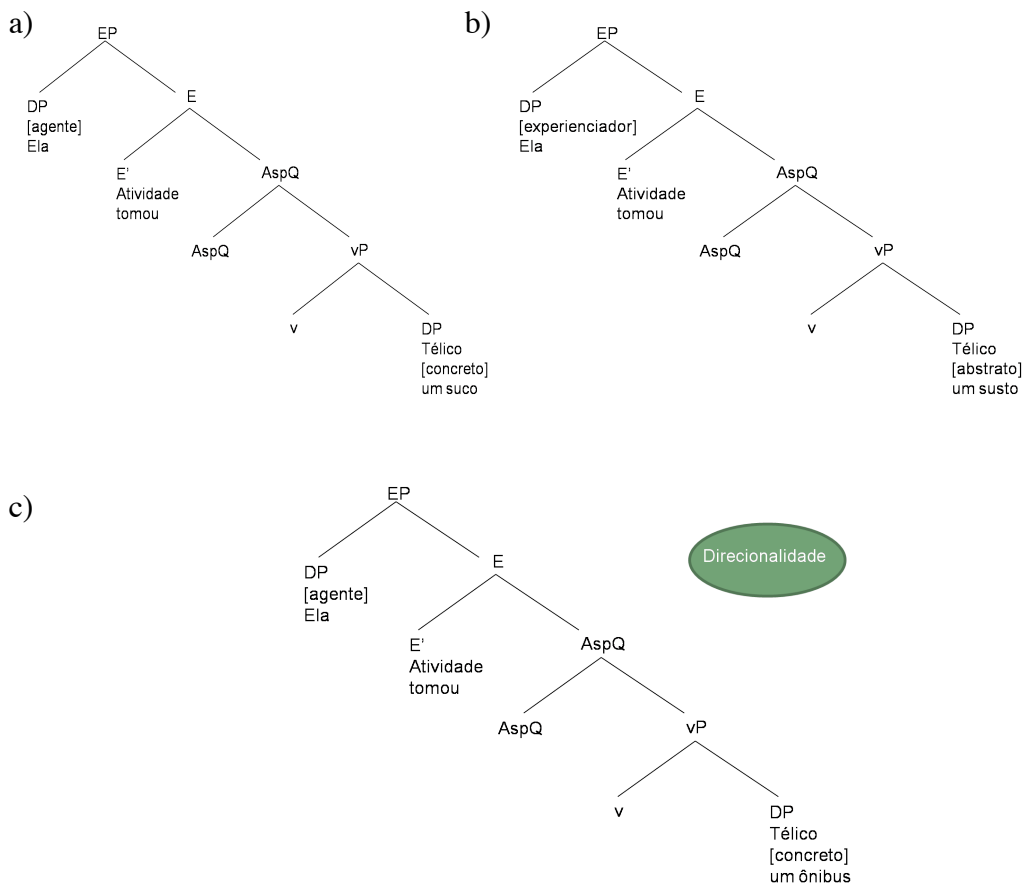
um modelo de templatão aspectual. A configuração sintática e seus nós funcionais determinam a estrutura de evento e seu número de argumentos sintáticos. A raiz do verbo é inserida na estrutura na fase da fonologia para ser possível suprir a estrutura com o conteúdo semântico-conceitual, mas somente após toda a rotina sintática. Abaixo, as duas estruturas sintáticas, uma com o nó  $F^{shl}$  e outra com o nó AspQ. A estrutura de  $F^{shl}$  determina que a contribuição do complemento do VP terá um aspecto atélico, enquanto que a contribuição do complemento do VP da estrutura de AspQ terá um aspecto télico. Esta é a diferença que a literatura desenvolve com os nomes de *accomplishment* e *achievement*.

Neste trabalho, desenvolveremos uma nova proposta de análise para os verbos leves que leva em consideração predições deste modelo de gramática: estrutura de evento e nós sintáticos que determinam a semântica.

## 2. A análise formal

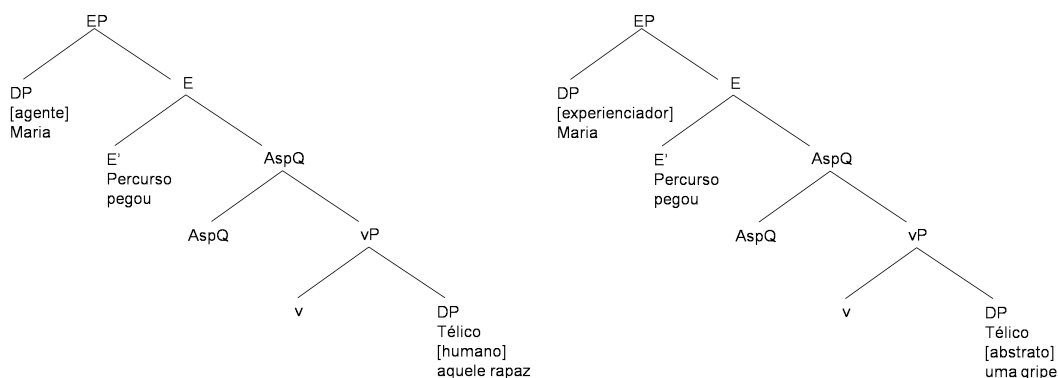
Nessa sessão, mostrarei as estruturas de verbos leves em português brasileiro, seguindo as características gerais do modelo teórico Exo-esquelético, já que o modelo ainda não tem uma análise para verbos leves. A ideia que direciona essa tarefa é a de que cada estrutura sintática faz surgir um verbo leve diferente. Cada verbo tem mais de um uso com significados diferentes de seus correspondentes não-leves, e cada uso tem um significado particular. Esse significado particular é basicamente derivado da combinação de uma estrutura de evento e o complemento/ou modificador. A raiz, quando associada à estrutura, agrega mais conteúdo, proveniente da interface conceitual. No caso dos verbos leves, este conteúdo é menos preciso. A seguir, mostro a proposta de análise para verbos leves.

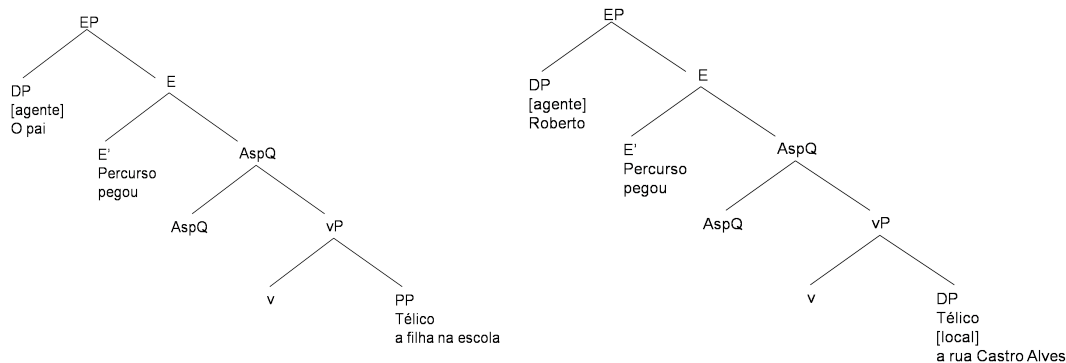
O primeiro verbo objeto de análise é o *tomar*. Este verbo possui três usos que podem ser classificados como leve:



Observem que os três usos do verbo *tomar* estão inseridos em uma estrutura de evento rotulados com o sabor de Atividade. Os feixes dos DPs vão ter a responsabilidade de diferenciar o sentido da sentença. Além disso, a direcionalidade do Evento será importante, como podemos ver na diferença entre as sentenças “tomar um suco” e “tomar um ônibus”.

O verbo *pegar*, por sua vez, possui quatro versões leves, dentre as suas possibilidades de polissemia. Vejamos:





Como podemos observar, o Evento do verbo pegar está inserido em uma configuração eventiva de Percurso e seus DPs e PPs têm seus devidos feixes rotulados com a semântica pertinente. Decorre disso a leitura que fazemos da sentença completa.

### 3. Conclusões

Como pudemos ver, o mecanismo sintático, com os nós funcionais, pode capturar comportamentos sintáticos que fazem surgir seus significados. A razão por que podemos afirmar que a configuração sintática é responsável por diferentes significados é em grande parte devido ao fato de que o verbo precisa estar em um complexo com um complemento, na construção de um evento (atividade, fim, percurso, mudança de curso e estado), como pudemos observar acima. Além disso, ainda é preciso restringir o tipo de sujeito e complemento, porque eles trazem importantes contribuições para o significado da estrutura argumental.

### REFERÊNCIAS

1. BORER, H. (2005b). *The Normal course of events*. Structuring sense, Volume II. Oxford: Oxford University Press.
2. BUTT, M. (2010). The Light verb jungle: still hacking away. In: AMBERBER, M., HARVEY, M. and BAKER, B. (Eds.) *Complex Predicates in Cross-Linguistic Perspective*. Cambridge University Press, P. 48-78.
3. GRIMSHAW, J. and MESTER, A. (1988). Light verbs and theta-marking. In: *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 205-232.
4. MARANTZ, A. (1997). No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A. & SIEGEL, L.

(Eds.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, 4.2 (pp. 201-225). Philadelphia: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, p. 201-225.